

# O tempo apagou a escola

JULIANA CÉZAR NUNES  
DA EQUIPE DO CORREIO

Jorge Cardoso



ALUNOS DO SETOR LESTE CAMINHAM NA ENTRADA DA ESCOLA NA ASA SUL QUE ENFRENTA PROBLEMAS COM PICHADORES: VERBA ANUAL DE R\$ 13 MIL PARA ADMINISTRAR ESCOLA DE 2,3 MIL ESTUDANTES

## Setor Leste mudou, os alunos também

Em 25 anos de trabalho, Maria da Graças Moura assistiu, sem entender muito bem, uma mudança no olhar dos estudantes do Centro de Ensino Setor Leste, na L2 Sul. Para a agente de portaria de 50 anos, eles continuam bonitos, inteligentes e muito queridos. Mas com um jeitão de revolta esquisito. Tratam os professores com indiferença, não fazem questão de assistir todas as aulas e não acreditam que sairão de lá para uma universidade pública. "Mesmo assim, amo todos eles. A maioria acaba percebendo o carinho e fica mais calma", conta Maria, pouco depois de fechar o portão que dá acesso às 24 salas de aula.

Há uma semana, todos os 2,3 mil alunos precisam apresentar na entrada dos blocos uma cédula escolar com foto. A novidade faz parte das medidas de segurança tomadas após uma

série de denúncias de violência dentro e nas imediações do colégio. Em agosto, um rapaz de 17 anos foi baleado na parada de ônibus em frente ao Setor Leste. O tiro partiu de um ônibus escolar que levava alunos de escolas públicas do Plano Piloto para o Riacho Fundo.

Uma das professoras mais antigas da escola, Myriam Dorela Ferreira, procura incentivar os alunos tirando dinheiro do próprio bolso para comprar material esportivo — só este ano foram três bolas. Professora de Educação Física, Myriam tem saudades do tempo em que o clube montado dentro do colégio funcionava em parceria com a escola. A atividade iniciada no horário de aula muitas vezes se transforma em paixão. Daí para as medalhas era um passo. "Hoje, as nossas atividades ficam restritas a duas quadras bem mal

conservadas. Tenho medo até dos meninos tropeçarem nos buracos", conta a professora.

As atividades escolares do Setor Leste ainda estão vivas na memória de ex-alunos. A servidora Elizabeth Rangel tem até hoje o material didático distribuído aos alunos. Na contra-capa da apostila do 3º ano estão os nomes dos colegas. Embaixo de cada um deles, o destino profissional: defensores públicos, professores universitários e médicos. "Torci pra a minha filha estudar aqui porque queria vê-la passando pelas mesmas experiências que eu vivi e cheia de perspectivas", explica Elizabeth.

A realidade hoje é diferente. Na falta de vídeo na escola, a Rede Globo é a salvação para os alunos que precisam assistir o filme *Auto da Compadecida*, baseado em texto do escritor Ariano Suassuna, exigido no PAS.

## O QUE FALTA

### Setor Leste

- Máquina de Xerox
- Televisores e vídeos
- Laboratório de Informática
- Material esportivo (as bolas são compradas pelos professores)
- Reforma nas duas quadras de esporte
- Instalação elétrica e tubulações em bom estado
- Vigias (a escola tem quatro. Mas precisaria de, no mínimo, outros dois)

comprados com rateio entre os 3 mil alunos)

- Laboratório de informática com número de computadores insuficiente (existem apenas 10. Os jovens que desejarem aprender a mexer nas máquinas pagam cerca de R\$ 30 para a escola de informática privada que funciona dentro da escola)
- Iluminação (no estacionamento, apenas um poste permanece aceso)

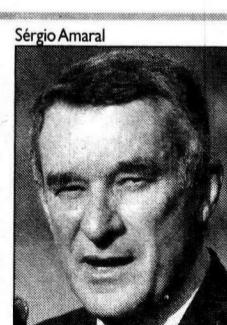
### Centro Educacional Ave Branca

- Professores
- Dinheiro para transporte de atletas para competições

### Elefante Branco

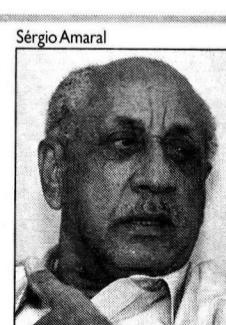
- Livros (a sala de leitura conta com 5 mil livros. A maior parte deles doados ou

## DEPOIMENTOS //



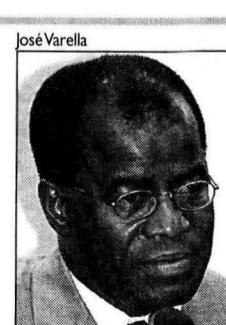
Sérgio Amaral  
"A experiência no Elefante Branco foi fundamental para minha convicção de que o ensino público pode ser de qualidade. Naquela época, nem se falava em cursinho. Os professores eram excelentes e muito dedicados. Havia bons laboratórios. Inclusive de eletrônica."

VALMIR CAMPENO  
presidente do Tribunal de Contas da União, estudou no Elefante Branco até 1965



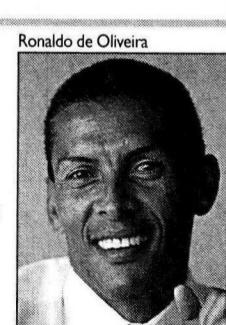
Sérgio Amaral  
"Sinto saudades do prédio ainda simples, das amizades dos colegas e do comprometimento do corpo docente. Muita gente que teve sucesso na vida profissional saiu do Ceav. Aquele colégio tem tradição. Naquela época, nunca faltavam professores que, aliás, eram excelentes"

BENEDITO DOMINGOS  
ex-vice-governador, estudou no Centro Educacional Ave Branca de Taguatinga (Ceav) até 1971.



José Varella  
"Tenho boas lembranças daquele tempo. Foi a melhor época da minha vida. Vim de Paracatu só para estudar lá. Ia a pé para a escola. Os professores eram ótimos. Passei no vestibular para Direito logo que me formei. Guardo o boletim com as minhas notas. Até hoje, fico emocionado quando passo em frente ao colégio."

JOAQUIM BENEDITO  
ministro do Supremo Tribunal Federal, primeiro negro a ocupar o quadro, estudou no Elefante Branco até 1973



Ronaldo de Oliveira  
"Gostava muito dos professores. Não me lembro de eles faltarem ou de greve. A atividade que eu mais curta era educação física. No meu último ano, quase reprovei em inglês por causa das viagens pelo atletismo. Nunca esqueci o aviso do professor: 'Um dia você irá aprender inglês. As suas viagens estão lhe ensinando mais do que todos nós jamais conseguiremos ensinar.'

JOAQUIM CRUZ  
campeão olímpico em atletismo, estudou no Centro de Ensino de Taguatinga